

# Almirante Inácio Joaquim da Fonseca

(1827 — 1902)

DIDIO IRANTIM AFONSO DA COSTA

Achava-se no setuagésimo quinto ano de vida, quando faleceu, na cidade do Rio de Janeiro, a 21 de Março de 1902, o Vice-Almirante INÁCIO JOAQUIM DA FONSECA, reformado desde 8 de Novembro de 1890.

Cessara, realmente, uma grande vida. Os traços recentes que deixara, combinados aos fulgurantes de bravo combatente dos tempos idos, faziam-no alvo do respeito e da admiração dos seus compatriotas, fossem ou não do Exército ou da Armada. Outras vidas maiores, de mais intensa irradiação nos episódios guerreiros ou mais frequentes às atenções da sociedade, ornaram o quadro da nossa história militar, mas nenhuma a excedera em virtudes humanas, senão em façanhas mais numerosas e memoráveis que as circunstâncias propiciaram.

Inácio Joaquim da Fonseca pertencera a uma das gerações afortunadas e triunfantes de construtores nacionais. Nascera no período agitado da consolidação do Brasil. Entrara na Armada aos primeiros passos do Segundo Império e a sua atividade militar fora encerrada, compulsoriamente, mês e meio depois do advento da República.

Ao ter praça de Aspirante na Academia de Marinha, ali se habituara, de mais perto, ao éco das proezas das nossas forças navais, ainda em formação, nas lutas da Independência, nas campanhas do Prata, na repressão ao tráfico de escravos e nos cruzeiros a todo o pano, em nossas águas, de lés a lés.

A América do Sul ainda era inquieta e acaudilhada, enquanto o Império se firmava, lutando. Se a figura de Rosas se ergue, o Bra-

sil a derriba. Se, depois de uma década, é a de Solano Lopez que se apresenta, obrigando às armas os brasileiros, argentinos, uruguaios, e os paraguaios ao sacrifício, o Brasil a abate. Abate-a, entretanto, depois de uma longa e sanguinosa série de batalhas.

Sem o sacrifício, sem a luta e sem a dor, sem os sofrimentos, numa palavra, é certo que nada se forma de estavel e fecundo. Frui-mos o belo, gozamos o sabor, haurimos a seiva dos frutos da natureza, e tambem sobre nós se derrama a sua luz criadora, o seu esplendor incomparavel. Mas dessa fonte criadora se originam calamidades, de igual maneira. Criação e destruição, alternadamente. Vida e morte, às vezes, a um tempo.

Envolvendo a tudo e a todos, nas suas alternativas de beleza e harmonia, de horror e descompasso, as vicissitudes que caracterizam a natureza em derredor aparecem analogamente nas espécies, entre os homens e no íntimo de cada um deles.

Resumo fisicamente frágil, espiritualmente suscetivel de elevar-se a interpretações maravilhosas e a concepções sublimes, teem os seres humanos de submeter-se à contingência da associação, da multiplicação e da continuidade, para a comunhão de benefícios, para os bens da prosperidade, andando num caminho cujo fim ninguem sabe ao certo, mas cuja significação todos supõem coroada de magnificência.

A associação humana, a sua recíproca e crescente inteligência, produzindo a coesão, é trabalho de séculos. Os homens, porem, juntando-se em núcleos, formaram massas poderosas, de inclinações e ideais diversos, entendendo-se e desentendendo-se, em repetidas alternativas, entre belezas e calamidades que os sofrimentos terríveis e as explosões de júbilo, à semelhança de cataclismas e resplendores, vão encadeando pelo tempo adiante.

A nossa palavra, extremamente honrada pela atenção de quem nos ouve ou lê, não tem o intuito de uma digressão inútil. Apenas se encaminha, num relance vago e apressado, para a cena em que aparece, revivida, a figura de um dos eminentes patronos do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Antes, porem, de mirar a cena mais bela entretecida pelas nossas armas, cujo trabalho foi o da construção do Brasil pelas forças físicas e morais de dezenas de milhares de admiraveis lidadores, des-

bravando ínvios caminhos para os abrir desimpedidos à marcha dos brasileiros, não será despropósito um olhar apressado às cenas que precederam aquela que foi a mais longa e emocionante, a de maiores incertezas e sucessivos sofrimentos, e foi ainda a que revelou à pátria e ao mundo seres indômitos e ações raras, de substância e significação transcendentales.

Aquela cena é a da quadra da maior guerra sulamericana, quando o Brasil verdadeiramente se sentiu a si mesmo, menos de meio século após sua independência, quando o Brasil se realentou e consolidou. Todos os povos o viram então como expressão triunfante e civilizadora, capaz do destino que lhe toca na América.

Desde que Colombo descobriu as novas terras do ocidente e Cabral surgiu nas águas da Terra de Santa Cruz, desde aqueles tempos até ao grito do Ipiranga, retraçaram-se na América novos e remorados episódios da vida de vários povos. Sofreram conquistadores e conquistados, dominadores e submetidos.

As terras eram dilatadas, virgens e maravilhosas. Os ameríndios selvagens e bravos. Três séculos não bastaram para o desenvolvimento e o povoamento das regiões americanas, assim como para a absorção ou assimilação do selvícola. No decurso desses séculos, de reconhecimentos vagarosos do litoral, de catequese árdua sob os braços serenos, eternos e redentores da cruz; no decurso desses séculos de bandeiras destemidas, incrivelmente sofredoras, terra a dentro, de implantação de padrões, de pirataria, de tráfico de escravos, de tudo quanto podia caracterizar uma colônia monumental; no decurso desses séculos, o Brasil sofreu a modorra do submisso.

Desperta, enfim, movido por impulsos próprios e estranhos que a fatalidade histórica somou, reuniu e combinou. País livre, não perdeu logo o espesso revestimento colonial que entretanto desapareceu sem demora. Passaram depressa os embates da banda do sul e repentinamente começou nesta parte da América a grande cena, a maior entretecida em sua história, pela duração, pelos inumeráveis aspectos, pelas ações memoráveis, pelos lances magníficos, pelas demonstrações repetidas de que o Brasil já era uma nação de homens, de obreiros da glória, de criadores e de construtores vitoriosos.

De Caxias e Tamandaré a Andrade Maia e Marcílio Dias; de Inhaúma e Osório a uma infinidade de heróis luminosos, dos chefes às fileiras, retemperaram eles o civismo brasileiro. Levantaram a pátria, na vida e na história, preparando-a, mais forte e confiante, para a marcha imensa que ela tem feito e tem de fazer.

Nós, que somos a posteridade desses abençoados e gloriosos brasileiros, não gozamos os frutos das lutas que eles travaram? Onde vamos buscar os mais belos motivos de alegria cívica e confiança no futuro senão entre os que viveram e lutaram com glória naquela quadra memorável? Que significação teem os homens daquele tempo? Que expressão mostram as batalhas daquela época? Quanto vale aquela guerra, assombrosa naquele período da vida nacional?

Para a posteridade teem significado tudo, efetiva e virtualmente; teem mostrado tudo — um poderoso salto de evolução histórica e um surto estupendo de virtudes, os mananciais mais ricos à nossa disposição, inspiradores de conduta e criadores incessantes de orgulho patriótico.

Meus senhores!

Durante mais de quatro anos, durante quase toda a guerra, Inácio Joaquim da Fonseca esteve entre aqueles heróis; durante mais de quatro anos, demorou-se entre aqueles obreiros da nossa glória, entre aqueles construtores da nossa pátria. Como se há de ver, ele brilhou, combatendo na guerra e trabalhando desveladamente na paz.

Tornou-se uma figura merecedora das agradecidas homenagens dos seus compatriotas. Incluindo-o na série dos seus eminentes patronos, o "Instituto de Geografia e História Militar do Brasil" fez uma alta e merecida consagração. E eu, obscuro em tão egrégia companhia, esforço-me para não falhar em face do nobre, venerando e glorioso extinto.

Ao falecimento do Almirante Inácio Joaquim da Fonseca, a imprensa nacional lembrou, em sentidos necrológicos, os seus serviços e os seus méritos. A supressão do tráfico de africanos, o levantamento da carta da costa do Brasil e a campanha do Paraguai tiveram notavel concurso do venerando servidor da Pátria.

Era um entusiasta do Almirante Barroso, a quem venerava. Exaltava sempre, com grande espírito de justiça, os feitos dos seus

camaradas. Ninguém se rejubilava mais do que ele — está escrito na *Revista Marítima Brasileira* — “quando, na tribuna do Club Naval ou na imprensa, comemorava, com a palavra ou com a pena, a gloriosa data de 11 de Junho”. Estudioso e culto, vivia a trabalhar e a produzir no período de reformado. Conhecia muito bem o grego e o alemão. Do grego, escreveu uma gramática, talvez a única até então escrita no Brasil.

Inácio da Fonseca, qualificado, na ocasião de sua morte, de “incansavel obreiro das glórias nacionais”, deixou vários trabalhos, aos quais aludiremos mais adiante.

A Marinha Nacional carpiu-o profundamente, quando ele deixou esta vida, tendo-a sabido viver com honra e glória.

\* \* \*

Filho legítimo de Bernardino Joaquim Pereira da Fonseca e de D. Maria José da Fonseca, nasceu Inácio Joaquim da Fonseca, no Rio de Janeiro, a 15 de Dezembro de 1827.

Sacramento Blake, no “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”, equivocadamente, dá-o como nascido na Baía, assim como o seu irmão Domingos Joaquim, ex-oficial de Marinha, de reconhecido mérito.

Aspirante a Guarda-Marinha, 1-3-1843. — Aprovado plenamente em todas as matérias do curso. — Guarda-Marinha, 12-11-1845. — Segundo Tenente, 2-12-1847. — Primeiro Tenente, 2-12-1854. — Capitão-Tenente, 20-1-1867 por serviços de guerra. — Capitão de Fragata, 29-12-1867. — Capitão de Mar e Guerra, 2-12-1869. — Chefe de Divisão, graduado, 24-12-1881. — Contra-Almirante, 7-1-1890. — Vice-Almirante reformado, 8-11-1890. Finalmente, ALMIRANTE GRADUADO, 24-2-1897, pelos serviços prestados na guerra do Paraguai.

De 27-11-1845 a 18-11-1847, embarcou nas corvetas *Bertioga* e *Sete de Abril*, em seguida para a fragata *Constituição*, tendo adoecido e baixado ao Hospital de Plymouth, com alta a 26-2-1847.

Embarcou no brigue-escuna *Canopo* e no brigue *Capiberibe* em 1848. Veio à Corte, com licença, partindo de Pernambuco a bordo do paquete a vapor *Imperatriz* e chegando a 2 de Setembro do mesmo ano. Esteve em tratamento de saúde até 7-8-1849.

A bordo do vapor *Afonso*, seguiu para Pernambuco a 1-11-1849, onde embarcou na corveta *D. Januária*. Voltou ao Rio de Janeiro, no mesmo vapor *Afonso*, desembarcando a 7-1-1850. Esteve em tratamento no Hospital, de 10 de Janeiro de 1850 a 7 de Maio do mesmo ano.

Serviu na charrúa *Carioca*, brigue-escuna *Olinda*, no *Fidelidade*, patacho *Destêrro*, no *Teresa* e no brigue *Caliope*, de 1851 a 1852. Esteve em tratamento de saúde nos Hospitais da Baía e Pernambuco, em 1852 e 1853, durante 2 e 3 meses, respectivamente.

De passagem no paquete *S. Salvador*, partiu de Pernambuco para a Baía, onde foi servir no brigue-escuna *Olinda*, 23-3-1853. A 3 de Dezembro do mesmo ano, passou para o *Canopo*, desembarcando a 18-4-1854. No paquete *Times*, seguiu para Londres, onde embarcou a bordo do vapor *Jequitinhonha*, por ocasião do armamento desse navio ali construído, 29-7-1854.

Nomeado para servir na Estação Naval da Baía, embarcou, no Rio de Janeiro, a bordo do paquete a vapor *S. Salvador*, chegando ao seu destino e indo para a corveta *Euterpe*, 8-8-1855. Por ordem do Presidente da Província da Baía, esteve destacado nas cidades de Cachoeira e Santo Amaro, de 30 de Agosto a 12 de Setembro seguinte, afim de coadjuvar as autoridades na manutenção da tranquilidade e nas providências a tomar em consequência da epidemia que ali reinava.

Destacou para o brigue-escuna *Canopo*, 24-2-1856. Foram-lhe concedidos dois meses de licença para tratamento de saúde na Província da Baía, findo a qual, a 4 de Novembro, apresentou-se a bordo da corveta *Euterpe*. Passou para o vapor *Magé*, a 6 daquele mês, e para o brigue-escuna *Eolo*, a 15-12-1856.

Comandou o patacho *Teresa*, de 23 de Maio a 18 de Dezembro de 1857. Deixando esse comando na Baía, seguiu para a Inglaterra, onde, por ordem do Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa, assumiu o comando, em Londres, da canhoneira a vapor *Itajai*, a 1-3-1858.

No comando ainda desse navio, passou a exercer o do vapor *Maracanã*, a 30-8-1860, reassumindo o da canhoneira citada a 8 de Novembro seguinte, e deixando-o a 14, por ter a mesma tido baixa.

Passou então a servir na corveta *Berenice*. Baixou ao Hospital a 23-11-1860. Esteve em tratamento de saúde no Estado da Baía.

Serviu na Companhia de Aprendizes-Marinheiros da Província da Baía (Aviso de 27-1-1862), e na Capitania do Porto da mesma Província (Aviso de 4-2-1862).

Regressando ao Rio de Janeiro, a bordo do vapor *Tocantins*, foi mandado servir na canhoneira *Iguatemi*, 14-2-1865.

Indo servir no vapor *Magé*, assumiu o comando interino desse navio, a 7-1-1867, e nele tomou parte no bombardeamento feito contra as fortificações de Curupaití. No dia seguinte, fez entrega do comando daquele vapor, reassumindo-o a 13 do mesmo mês e ano. Tomou parte no bombardeamento de 29 de Maio de 1867.

Passou a comandar o couraçado *Mariz e Barros* a 13-12-1868. A 31-12-1869, chegava ao Rio Grande do Sul. Deixou o comando do couraçado *Mariz e Barros*, 30-10-1870. Seguindo para a Baía, aí assumiu o comando da corveta *Baiana*, 6-11-1870.

Esteve em tratamento de saúde, no Hospital, de 18 de Abril a 17 de Maio de 1871. Desembarcou da corveta *Baiana*, 23-4-1871. Capitão do Porto da Província de Pernambuco, 27-4-1872. Por ofício da Presidência dessa Província, de 22-6-1872, foi aprovado o alvitre que lembrou, relativamente ao melhor local para a colocação do farol de Olinda, e recomendado que remetesse o resultado dos seus estudos a respeito, afim de tudo ser levado ao conhecimento do Ministério da Marinha.

Declarou a Presidência da Província, em ofício de 12-7-1872, ter ficado inteirada do risco marítimo a que estivera exposta a barca francesa *Volta*, risco de que fora salva, bem como a respectiva tripulação e carregamento, pela prontidão e acerto dos socorros prestados pela Capitania do Porto.

Saíu no rebocador *Camaragibe*, a 6-11-1872, a prestar socorros à barca argentina *Paladini*, encalhada nos recifes de *Itamaracá*. Conseguiu salvá-la regressando no mesmo dia.

Deixou o cargo de Capitão dos Portos de Pernambuco, 30-1-1873. Regressou ao Rio de Janeiro a bordo do vapor *Guard*, aqui chegando a 6-2-1873.

Nomeado para servir interinamente na qualidade de membro efetivo do Conselho Naval, durante o impedimento do Conselheiro

João Capistrano Bandeira de Melo, esteve em exercício de 19-5-1874 a 15 de Setembro do mesmo ano.

Passou a exercer o cargo de comandante do couraçado *Lima Barros*, 24-9-1874, no Rio da Prata. Exonerado a 1-4-1875, apresentou-se no Rio de Janeiro a 2 de Junho do mesmo ano, vindo a bordo do transporte *Inhaúma*.

A 3-6-1875, foi nomeado o Conselho de Investigação, determinado por Aviso de 10 de Maio, para investigar sobre o fato de que fora acusado, o de ter obrigado as praças da guarnição do couraçado *Lima Barros*, sob o seu comando, a atirarem-se ao rio e banharem-se no porto de Buenos Aires, não tendo sido tomadas as providências de costume. A 15 do mesmo mês de Junho, foi nomeado o Conselho de Guerra, recolhendo-se preso Inácio da Fonseca à Fortaleza de Villegagnon. O Aviso do dia 17 daquele mês concedeu-lhe a cidade por menagem, para tratar de sua defesa. Por sentença do Conselho Supremo Militar e de Justiça, de 13-10-1875, foi absolvido da imputação que lhe fora feita, a de haver ocasionado, na qualidade de comandante do couraçado *Lima Barros*, a morte do Imperial Marinheiro Herculano José Lopes da Silva.

Nomeado para auxiliar os trabalhos do Quartel General de Marinha (Aviso de 21-4-1876). Capitão do Porto da Baía, por Decreto de 20-6-1877, foi esse Decreto, a 24 de Setembro do mesmo ano, declarado sem efeito.

Comandante da *Galeota Imperial*, de 23-1-1878 a 24-1-1880. Nomeado Capitão do Porto da Província do Paraná, assumiu esse cargo e o de Comandante da Companhia de Aprendizes-Marinheiros, indo a bordo do paquete nacional *Rio Grande*, a 13-2-1880. Por Portaria do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 11 de Março, foi nomeado Fiscal do Serviço da Navegação Subvencionada pelo Estado na Província do Paraná. Deixou esses cargos a 20-5-1880. Regressou ao Rio de Janeiro, a bordo do paquete nacional *Cervantes*, a 22 de Março do mesmo ano.

Assumiu o comando do couraçado *Brasil* a 12-8-1880, desembarcando, por desarmamento, desse navio, a 7-4-1883. Por Aviso do dia 12 desse mês, foi encarregado de apresentar um plano para mais conveniente organização do Arquivo do Quartel General da Marinha.

Nomeado Presidente da comissão encarregada da revisão do tempo de embarque dos Oficiais da Armada (Aviso de 26-6-1889).

Reformado compulsoriamente no posto de Contra-Almirante, (Decreto de 7-1-1890). Considerada essa reforma no posto de Vice-Almirante (Decreto de 8-11-1890), por contar mais de 40 anos de efetivo serviço na Armada. Almirante Graduado, pelos serviços prestados na guerra do Paraguai, 24-2-1897.

Faleceu a 21 de Março de 1902, em sua residência, na cidade do Rio de Janeiro.

\* \* \*

Por Aviso de 16-10-1854, foi mandado louvar, conjuntamente com os outros oficiais, pelo bom comportamento e desempenho das comissões durante o tempo em que estiveram fora do Império.

Pela humanidade e corajosa dedicação com que se houve, em 1855, nas cidades de Cachoeira e de Santo Amaro, por ocasião de uma epidemia, foi mandado louvar, conjuntamente com os outros oficiais e praças que os acompanharam (Aviso de 27-9-1855).

Louvado pela prova que deu do seu amor às ciências, dedicação ao trabalho e interesse que tomou pela honrosa profissão a que pertencia, traduzindo a obra de Jorge Biddlecombe, intitulada *Tática Naval para Navios a Vapor* (Aviso de 25-6-1859).

Elogiado em Ordem do Dia n. 11, de 10-1-1867, pelo seu comportamento no bombardeio contra as fortificações de Curupaití.

Coube-lhe também o elogio publicado em Ordem do Dia n. 1, do Comandante em Chefe da Esquadra em Operações, datada de 1.º de Março de 1866, nestes termos:

“S. Ex. o Sr. Visconde de Tamandaré, com o mais vivo prazer, sauda a todas as praças da Armada e Exército que, sob suas ordens, souberam manter com heroísmo o brilho de nossa bandeira na passagem forçada de Cuevas, a 12 de Agosto de 1865”.

A 22-1-1867, foi louvado, em nome de Sua Majestade o Imperador, por haver tomado parte, como comandante interino do vapor *Magé*, no reconhecimento feito às baterias de Curupaití, no dia 8 de Janeiro anterior.

Foi felicitado em Ordem do Dia, n. 39, de 12-3-1867, do Comandante em Chefe da Esquadra, por ter tomado parte no bom-

bardeamento feito às fortificações de Curupaití a 3 do mesmo mês. Pela Ordem do Dia n. 49, daquele Comandante em Chefe, foram louvados os serviços que prestou durante o bombardeio da Esquadra de madeira a 15-8-1867, por ocasião de forçar a Esquadra encouraçada as baterias de Curupaití.

Teve parte no elogio que o Barão de Inhaúma dirigiu aos oficiais da vanguarda da Segunda Divisão, em Ordem do Dia n. 116, denominando-os "bravos de Curuzú", isto em consequência da proteção dada aos monitores contra as baterias de Curupaití, na noite de 13 de Fevereiro de 1868.

Recomendado à consideração do Governo Imperial pela passagem forçada, na madrugada de 3 de Março, sob as baterias de Curupaití, passagem considerada como um ato de bravura e perícia que deve merecer o reconhecimento do país, (Ofício n. 503 do Vice-Almirante Barão de Inhaúma, publicado em Ordem do Dia n. 126, de 5-3-1868).

Mereceu especial menção o serviço que prestou no reconhecimento feito, com toda a inteligência e dedicação, às baterias de Curupaití, no dia 22 de Março de 1868, (Ordem do Dia n. 131, do Vice-Almirante Visconde de Inhaúma).

Consta dos seus assentamentos: "A Câmara dos Senhores Deputados, em sessão de 11 do corrente (Maio de 1870), deliberou que se consignasse na ata um voto de louvor e gratidão aos Senhores Comandantes em Chefe, Generais, Comandantes, Oficiais e Voluntários, Guardas Nacionais e Praças de mar e terra, que até o brilhante feito de armas do Primeiro de Março puseram o honroso termo à Guerra provocada pelo Presidente do Paraguai e conquistaram para a Pátria glória imperecível".

Foi incluído no "Reconhecimento à Esquadra", do Sr. Marquês de Caxias, Comandante em Chefe, pelo zelo e obrigação que lhe prestaram". (Ordem do Dia da Esquadra, n. 272, de 14-1-1869).

Por Ofício da Presidência da Província de Pernambuco, datado de 7 de Junho de 1872, foi louvado pela prontidão com que se houve na comissão em que foi, com o fim de prestar socorros ao *clipper* americano *Herriet Queen*, de Nova York, que encalhara.

\* \* \*

Por Decreto de 2-12-1858, foi condecorado com o Hábito da Ordem da Rosa, em remuneração dos serviços prestados à humanidade na Província da Baía, por ocasião da epidemia de cólera-morbo.

Condecorado com o Hábito da Ordem de Cristo, (Decreto de 14-3-1860).

Por Decreto de 26-1-1862, Sua Majestade o Imperador dos Franceses lhe conferiu o grau de Cavaleiro da Legião de Honra, em remuneração dos serviços que, quando comandante da canhoneira *Itajai*, prestara ao da canhoneira *d'Entrecasteaux*, durante a sua comissão hidrográfica na costa do Brasil.

Foi-lhe concedido o Hábito de Aviz, (Comunicação da Secretaria, 24-4-1862).

A 8-6-1866, apresentou o diploma de Oficial da Ordem da Rosa, com que fora condecorado por Decreto de 3 de Janeiro do mesmo ano, em atenção aos serviços que prestou na campanha do Estado Oriental do Uruguai e na campanha contra o Paraguai.

Condecorado com a Comenda da Rosa, (Decreto de 28-12-1867), em remuneração dos serviços prestados na guerra, como consta da Ordem do Dia n. 104, de 13-1-1868, do Vice-Almirante Comandante em Chefe da Esquadra em Operações no Paraguai.

Apresentou diploma da medalha da Campanha Geral do Paraguai, com a inscrição quatro, e os de Cavaleiro das Ordens da Rosa, de Cristo, de Aviz e da Legião de Honra; de Oficial da Imperial Ordem da Rosa e Comendador da mesma Ordem.

Por Decreto de 5 de Julho de 1888, foi-lhe concedida a Medalha de Mérito Militar, criada pelo Decreto n. 4.131, de 28-3-1868, extensiva à Armada pelo Decreto n. 4.143, de 5-4-1868, por atos de bravura praticados durante a campanha do Paraguai, competindo-lhe dois passadores.

\* \* \*

— Já nos referimos à obra intitulada *Tática Naval para Navio a Vapor*, de Jorge Biddlecombe, traduzida por Inácio da Fonseca em 1859, e ao louvor que em consequência recebeu do Governo,

“pela prova que deu do seu amor às ciências, dedicação ao trabalho e interesse que tomou pela honrosa profissão”.

Passemos agora a outros trabalhos da sua lavra.

— Um mapa, entre o rio do Frade e Mucuri, foi copiado das cartas inglesas por Inácio da Fonseca, que o corrigiu e aumentou, sobretudo nas ilhas, bancos, canais, coroas e recifes. Foi o mapa litografado no Arquivo Militar, em 1857, sendo levantado quando o autor era Primeiro Tenente e comandava o patacho *Teresa*.

— Em 1863, impresso em Paris, apareceu o *Plano do ancoradouro de Ilhéus*, na Baía, levantado por Inácio da Fonseca, em colaboração com Mr. Ernesto Mouchez.

— Em 1865 e 1866, Inácio da Fonseca remeteu 36 *Cartas do Teatro da Guerra*, publicadas no *Jornal da Baía*. Constava, mais tarde, que os autógrafos dessas cartas haviam passado para as mãos do Visconde de Ouro Preto.

— Feita e assinada por ele, a 28 de Agosto de 1875, o então Capitão de Mar e Guerra Inácio Joaquim da Fonseca concluiu a sua defesa, “para ser presente na sessão que indicar o Conselho de Guerra”, requerido pelo autor.

Essa defesa foi impressa naquele ano, constituindo alentado folheto de 65 páginas e mais 12 de anexos, sob o título *Defesa formulada e apresentada pelo Capitão de Mar e Guerra Inácio Joaquim da Fonseca na Sessão do Conselho de Guerra, a que respondeu pelo falecimento ocasional e imprevisto do grumete imperial Herculano José Lopes da Mota, quando tomava banho a guarnição do couraçado LIMA BARROS no ancoradouro de Buenos Aires, às 4 horas e 40 minutos da tarde de 11 de Fevereiro de 1875*.

Alentada como era a defesa, o ex-comandante do *Lima Barros*, então o mais poderoso dos nossos couraçados, preparou uma introdução em que se lê:

*“Está geralmente admitido, como princípio incontroverso, que as longas defesas, em qualquer foro, correspondem sempre a causas más.*

*“Assim opinou o Sr. Senador Zacarias de Góes e Vasconcelos, quando, no Senado, combateu a do convênio de 20 de Fevereiro.*

*“Não obstante, essa monumental defesa grangeou, entre outros títulos, uma pena de ouro para o seu benemérito autor.*

*“A defesa, porem, na questão pendente, não se alonga pela qualidade da causa: esta não exige, como o veremos, mais do que dois ou três argumentos, mais do que duas ou três alegações, na limitada superfície de uma folha do manuscrito.*

*“A extensão, portanto, da defesa não decorre da causa puramente, mas sim do desvio desta, ou da transviação maliciosa: quanto mais exagerada, pois, tiver sido esta, tanto mais deve de ser aquela de algum folego e de tal ou qual perseverança.*

*“É sabido que dos despeitos e rivalidades criaram a confusão e a iniquidade, e que dessa indisciplina tem arreventado fatos que escandalizam, augurando consequências de maior cuidado. Felizmente, como o prevê o venerando Sr. Visconde de Abaeté, alguém virá animado de zelo bastante a introduzir a luz nesse caos, e a regularizar ou regenerar os serviços de modo vantajoso à causa pública. Que difícil é a empresa, pondera ainda, não há que duvidar; mas também sabe que das ruínas de um terremoto já houve ministro que fez surgir uma grande e bellissima cidade.*

*“As reclamações e protestos, pois, nesse sentido, partem sem cessar das eminências, ou da câmara temporária e da outra vitalícia.*

*“Assim vimos que, na sessão de 16 de Abril último, um dos mais distintos Ministros que tem regido a administração da Marinha, o Sr. Senador Saraiva, levantara antes igual protesto, nestes termos:*

*“O respeito à lei e à autoridade está decaído! A par da resignação vai também crescendo no Brasil o desdem por semelhante ordem de coisas, do que pode provir e virá afinal a revolução do desprezo”.*

Esse trecho mostra a forma em que Inácio da Fonseca apresentava as suas idéias: fluente, límpida e correta. Dirigindo-se ao Presidente e Vogais do Conselho, assim começou a encadear os seus argumentos:

*“Permiti, senhores, que, chamado perante vós em prol do meu direito, não tanto para justificar-me de um acaso natural e frequente na vida do mar, quanto particularmente para dissipar umas tais ou quais sombras em que procuram envolver-me, comece por alegar-vos o haver sido o julgamento do primeiro Conselho de Investigação, que contra mim funcionou em Montevideu, lavrado, com efeito, numa quarta-feira de trevas, dia nefasto, ou a 24 de Março do corrente ano.*

*“Ficou assim, desde aquele momento, estabelecido, entre outras irregularidades, esse fatal precedente em nossa Marinha.*

*“Rogo-vos, portanto, senhores, a bondade de verificar dos autos essa minha primeira verdade, mormente quando só da verdade farei cabedal, porque prefiro a honra de ser condenado amparando-me com ela, a salvar-me por meio de qualquer deslealdade, evasiva ou subterfúgio.*

*“Por tal forma identifica-se o meu pensamento com a máxima do eminente Sr. Thiers, nestes termos: A melhor maneira de sair-se bem de qualquer conjuntura é falar a verdade e sempre a verdade.*

*“Senhores!*

*“A minha hora também soou! Em vão bastante a prepararam e, só depois de aproximar-me aos 33 anos de vida militar, conseguiram, afinal, encabeçar-me, pela primeira vez, esta espécie de “coroa de espinhos!”*

*“Por mais honrosa que seja tal posição, parece-me não haver quem a apeteça, ainda que para ser louvado ou para ser absolvido.*

*“Infelizmente, é máxima que perdura em nossa Armada: Quando desejares mal aos camaradas, armai-lhes um Conselho de Guerra, apesar de saírem eles absolvidos ou promovidos.*

*“Contudo, circunstâncias ocorrem imprevistas e fortuitas, na vaga teoria das responsabilidades, que, mal interpretadas, conduziriam o maior dos justos, voluntariamente, a este sacrificio — votado pela lei à causa da justiça. A não ser-me ele intimado, vinha bem disposto a requerê-lo; chegaremos, pois, ao mesmo fim.*

*“Pedir-vos justiça, ou equidade, é supérfluo; pedir-vos indulgência, ou benignidade, é impróprio para vós, quanto de mim.*

*“Recorrer a amigos é desvirtuar a minha causa; socorrer-me de advogados é buscar o incômodo de ouvi-los falar muito e demais em meu favor.*

.....  
*“Desta forma penso estabelecer a devida lucidez nesta questão e provar-vos, até à saciedade, o quanto se procurou transviar e deturpar a verdade de um frequente successo, chegando-se a convertê-lo por infundados despeitos e rivalidades, às proporções de um “crime, de um inqualificavel atentado”.*  
 .....

Como já vimos, o nosso ilustre biografado alcançou pleno e honroso successo nessa questão.

— A 13 de Agosto de 1882, em presença de D. Pedro II, no salão da Escola Pública da Glória, o Chefe de Divisão Inácio da Fonseca realizou uma conferência sobre o combate de Cuevas ou de Turupí, travado a 12 de Agosto de 1865.

O exórdio foi uma homenagem ao Almirante Barroso, falecido cinco dias antes. O conferencista viu o Brasil de luto, escuras as ondas oceânicas, nimbados os horizontes, o sul da América estremecendo de saudade; via, porem, o Panteão da História descerrando de par em par os seus pórticos luzentes, “para receber mais um herói, um vulto glorioso, um benemérito e laureado brasileiro, um vence-

dor dos mares, um navegador dos gelos austrais, para coroar, enfim, o inclito Almirante, o legendário Francisco Manuel Barroso”.

Entrou, a seguir, em matéria, miudamente, descrevendo a ação. Depois, considerou os resultados e consequências, dos pontos de vista balístico, estratégico e político.

Tratava-se da quarta das sucessivas vitórias da nossa Esquadra, alcançadas a 25 de Maio, a 11 e 18 de Junho e a 12 de Agosto de 1865. Deduziu Inácio da Fonseca que a Divisão avançada esteve sempre muito bem nas mãos do nobre Barroso, como a da numerosa frota do Almirante Parker nas mãos de Nelson, ou como a Divisão avançada em Trafalgar, sob o mando de Collingwood, enquanto forçava de vela o corpo da esquadra de Nelson.

Dessa comparação, achou o conferencista que não era difícil verificar se Nelson possuía todas as faculdades de espírito indispensáveis a um chefe ou “se tinha o poder — além da perfeição dos sentidos e da infatigável atividade — de abstrair, de comparar, de prever, de resolver, de vencer; e se tinha, afinal, consciência do perigo”.

Passou, então, a concluir que Barroso soube abstrair, porque, deixando de lado as dificuldades e o aparente impossível, arrojou-se audaz sobre o possível, buscando e visando o fim instantemente desejado.

Concluiu que Barroso soube comparar, porque Tonelero, Mobile, Riachuelo, Mercedes e outros cometimentos lhe permitiam igual resultado.

Concluiu que Barroso soube prever, porque, na véspera do combate, quando o sol desassombrava as fortificações das Cuevas, mandou reconhecê-las com a exatidão possível.

Concluiu que Barroso soube resolver, porque, abrindo mão da cilada do inimigo, espaçou devidamente os navios da linha de combate, conseguindo que nenhum se perdesse, nem encalhasse.

Concluiu que Barroso soube vencer, porque efetivamente burrou o plano soberbo do General Resquin, inutilizando-lhe toda a bravura e os seus mais ardentes esforços.

Concluiu, finalmente, que Barroso soube ter consciência do perigo, porque abrigou com prudência as guarnições que não eram necessárias na ação.

O feito fora importante e bem exposto da tribuna por Inácio da Fonseca, 17 anos mais tarde. Após algumas considerações ilustrativas, o conferencista perorou, lembrando a ação da Esquadra em Paissandú, "o ataque da ilha da Redenção, o combate do Passo da Pátria, a tomada de Curuzú, a passagem audaz de Curupaití, o combate e vitória alcançada sobre a *impossível* ou inexpugnável Humaitá, a abordagem do Timbó, a batalha do Tibicuarí, as abordagens espantosas do Tagí, e também as dos couraçados acima de Curupaití; como raridade no gênero, além de outros feitos, a grande batalha ou campanha dos Monitores, encravados e ensarilhados de envolta com as matas, troncos de árvores e liâmes do assombroso e apertado Manduvirá, margeado, além disso, pelo astuto e infatigável inimigo".

— Espontaneamente, em consequência de uma entrevista que tivera com o Conselheiro Paula Souza, a 17 de Abril de 1882, quando se lançou ao mar o cruzador *Almirante Barroso*, navio literalmente brasileiro, nos planos, no casco, na madeira, no ferro, no aço, em todas as suas máquinas e na mão de obra, o então Chefe de Divisão Inácio Joaquim da Fonseca apresentou àquele Conselheiro um trabalho sob o título *Melhoramento das Praças de Pret da Armada*.

Esse trabalho, publicado na *Revista Marítima Brasileira* de Julho de 1882, é de todo em todo interessante e judicioso, espelhando a experiência e o espírito de organização do autor, em face das condições da Marinha de Guerra de então. Achando que eram indispensáveis razões preliminares "que motivem, fundamentem e justifiquem as medidas ou providências adotadas de acordo com determinado sistema", despontavam-lhe, de momento, oito razões que passou a classificar.

O Corpo de Imperiais Marinheiros, o Batalhão Naval, as deserções num e noutros desses corpos; as Companhias de Aprendizes Marinheiros, a robustez física desses aprendizes e a das praças; a organização das esquadras, tão dependente do pessoal; a decadência e insuficiência de sub-oficiais e inferiores, quer pela qualidade, quer pela quantidade, constituem as observações gerais e fundamentais do melhoramento concebido pelo esclarecido Chefe de Divisão Inácio da Fonseca.

As providências ou resoluções, “que se lhe antolhavam como de primeira necessidade”, eram a abolição imediata do castigo corporal, “dissolvente do físico e do moral”, a remuneração honorífica ou de lapso de tempo de praça; a fixação do tempo de serviço, a admissão de voluntários ou contratados; o aumento de soldo, o desenvolvimento do Corpo de Marinheiros de Mato-Grosso e o incremento da Marinha Mercante; a proveitosa indústria da pesca, no litoral, nos parcéis e nas ilhas; a higiene nos navios e nos quartéis, as diversões, a diligência na execução das comissões; “continuar na prática invariável das Escolas, tanto pelas letras quanto pela parte técnica da profissão”; o restabelecimento do culto religioso, etc.; organização do corpo de foguistas e carvoeiros com pessoal brasileiro, “podendo escolher-se, dentre as baixas dos Corpos, os mais competentes, e dentre os marítimos nacionais os que se oferecerem em melhores condições”.

O trabalho a que aludimos, entretanto, estende-se sumariamente aos maquinistas, a regulamentos, a Capitania de Portos, Faróis, Socorro Marítimo, Associações de Práticos; aos Marítimos e a vários serviços ao longo do nosso litoral; a efetivos, a despesas, armamento, exames, prêmios, suprimentos, serviços hidrográficos, etc.

Sem dúvida, àquele tempo, várias das idéias do autor teriam sido acolhidas e adotadas a pouco e pouco — as idéias que não colidissem com o espírito demasiado conservador dos dirigentes.

— A 10 de Junho de 1883, Inácio da Fonseca fez uma conferência sobre a batalha naval de Riachuelo, na Escola da Glória, presentes o Imperador D. Pedro II, o Ministro da Marinha, o Visconde de Bom Retiro, o Senador Manuel Francisco Corrêa, muitos oficiais de terra e mar, cavalheiros e senhoras, constituindo seletto e numeroso auditório.

Como representasse o feito de Riachuelo assunto “mui grave, sendo alem disto o maior da Esquadra Brasileira”, o Chefe de Divisão Inácio Joaquim da Fonseca resolveu proceder a um estudo da batalha, publicando-o no mesmo ano.

A batalha havia “sido tratada pelo distinto Sr. L. Schneider e mui bem anotada pelo ilustre Dr. José Maria da Silva Paranhos”.

Até então, ao que parecia, não fora estudada em toda a sua extensão e pormenores, por nenhum autor, nacional ou estrangeiro.

Fê-lo Inácio Joaquim da Fonseca, "um dos mais ilustrados e distintos oficiais da Armada", na opinião geral. Um livro de cerca de 200 páginas apareceu então, hoje raro, muito bem feito e muito bem impresso, com diversas estampas, mapas e quadros. O livro contem tudo quanto fora divulgado, com o cunho de valor histórico, até o ano da sua impressão, além do contingente das informações de oficiais que se bateram no memorável dia 11 de Junho de 1865.

Embora o autor não haja esgotado o assunto, porque Riachuelo ainda pode ser esmiuçado sob vários aspectos, foi ele quem, até hoje, andou mais longe. O seu livro, assim, é uma preciosa fonte, a mais preciosa à nossa disposição.

Dezoito anos mais tarde, em 1901, Inácio Joaquim da Fonseca publicou um folheto, sob o título *Riachuelo perante a História*, dedicado à Marinha Nacional, resumo da obra acima descrita sobre a peleja de 11 de Junho de 1865, sobre a qual, no *Jornal do Brasil*, em 1900, escreveu Eunápio Deiró: "Dissipar os contos imaginários e fazer a nação brasileira conhecer a "realidade" daquela pugna ou página esquiliana e terrível".

— Em 1885, Inácio da Fonseca publicou o livro *Noções de Filologia acomodadas à língua brasileira ou vernácula*. Livro denso, erudito, de 234 páginas, dedicou-o o autor à Associação Promotora da Instrução, de que era membro, "como sinal de confraternidade, e nominalmente ao seu nobre Presidente, o Sr. Conselheiro Senador Manuel Francisco Corrêa, como prova de acatamento e gratidão".

Nele se encontram os fundamentos de futura língua, "exclusivamente nossa, tão arredada da portuguesa quanto é vasto o oceano que separa o Brasil de Portugal", na expressão subscrita em 1889 pelos Drs. Augusto Vitorino Alves do Sacramento Blake e J. A. Teixeira de Melo.

Como é natural, esse livro só pode ser lido vagarosamente, a espaços. É uma demonstração de cultura, de tenacidade e inteligência.

Desde logo, nesta fase da evolução da nossa língua, quando nos habituamos à ortografia oficialmente adotada em Portugal e no Brasil, estranhemos enormemente a que adotou, há mais de meio século, o oficial general da Armada Inácio Joaquim da Fonseca.

Fazemos a transladação deste trecho, por exemplo, da escrita da-quele livro de Filologia para a atual, com forçosa lentidão:

.....  
"Ora, do exposto e das de mais cartas, a-pesar-de fechadas, conclue-se: não haver lingua presentemente mais incorreta e indisciplinada do que a portuguesa na parte pronuncial, e também, por grave contrassenso, na ortografia.

"Mas, de onde vem todo esse desastre, toda essa calamidade, a espécie de catalepsia que ataca o sistema nervoso e sanguineo da mais aperfeiçoavel, da mais harmoniosa e rica de todas as linguas?...

"De causas complexas e tão numerosas que, decerto, não cabem neste bilhete de visita. Porem, a um canto seu, escreverei apenas com lápis chinês esta quasi apagada observação:

"Todo o mal provém de maus rudimentos, de ruins elementos, ou átomos, constituintes dos corpos, e quer em relação aos do género material, como até aos de entidade subjetiva. Admitindo-se pois o funcionamento da lingua sob tais condições, dentro de viciado meio, é transluzente não dever a primeira correção surgir senão da legitimidade, da pureza e natural ajustamento dos átomos indispensáveis a tal função, da salubridade do meio adequado a sua existência ou perseverança.

"Ora os átomos, conceda-se ainda, os elementos, as particulas, as moléculas, e assim o meio subsistem impuros; logo: nada mais evidente, mais palpável do que o gérme, o miasma, o micróbio, o palustre, em suma o pre-fator de toda essa calamidade.

"Infere-se, pois, que o mal, a praga, a catalepsia, a inervação provém logo da escassez, da imperfeição do atual ou vigente alfabeto. Deste motivo trataria, de acordo com a promessa feita, e na persuasão de lhe dar o seu etimófono e racional desenvolvimento. Porém, se o não fizer, se o tentámen ultrapassar as minhas fôrças, não me eximo ao dever de adiantar, pelo amor consagrado desde a juventude a estas franças dea letras, que a primeira correção, o vigoroso antidoto, o medicamento sem

rival consistirá na simples manipulação que dê o preparado de nome especial, o indispensavel "i" breve; tanto menos difficil de criar-se quanto por não haver nada mais exequível do que o despojá-lo do tal expoente à laia de chumbinho de caça, contrapêso que o torna lerdo e longo, e sem remissão possível.

"Dessa forma, por conseguinte, há como que um "fiat, si parva licet..."

"Por êsse meio e corretivo, sana-se imediatamente uma larga parte da língua. Todos êsses "io", "ia", "ico", "ica" florescem logo e com tal beleza e sonoridade".....

.....

Todo o texto do livro é assim, é isso, mais do que isso, pela abundância de contingentes no vasto domínio da Filologia, em homens, em obras e em exemplos, estudados, confrontados, analisados.

Inácio da Fonseca se aventurou, efetivamente, a assunto complicadíssimo. O seu livro é uma demonstração irrefragável de cultura e uma fonte a que os estudiosos podem recorrer com proveito, um atestado de que também foi util o homem que o elaborou no domínio da pena, depois de distinto no domínio da espada.

— Em 1888, Inácio da Fonseca traduziu o *Guia da Instrução* (250 páginas, in-8.º) para o Imperial Corpo de Engenheiros da Marinha Alemã (concluindo em Setembro de 1887) — Kiel, 1888.

— Em 1894, no Rio de Janeiro, o Vice-Almirante Inácio Joaquim da Fonseca publicou um *Estudo* (Pró-República) — Reorganização e outros artigos (88 páginas in-4.º).

— Em 1895, publicou um *Estudo Analítico* sobre o descobrimento do Brasil (Rio de Janeiro, 38 páginas in-8º), com o mapa da costa ocidental da África e oriental da América do Sul, o planisfério do mundo atual, o globo de Martim Behaim, o retrato do Capitão-Mor Pedro Álvares Cabral e o desenho da caravela do século XVI.

Nesse livro, cuja importância é extrema, afirma o autor:

1.º — O Brasil está compreendido no descobrimento sintético de 12 de Outubro de 1492.

2.<sup>o</sup> — Foi conhecido e percorrido antes de Abril de 1500 e até aos 14<sup>o</sup> de latitude.

3.<sup>o</sup> — Verificada tão segura premeditação, não foi a derrota de Cabral obra do acaso, sendo aliás de planejado reconhecimento.

4.<sup>o</sup> — Nem calmarias, nem correntezas, nem ventanias poderiam causar um tal desvio ou desorientação nunca vista.

5.<sup>o</sup> — O ponto de chegada jamais poderia ser em Santa Cruz, nem na moderna baía Cabrália (16<sup>o</sup>17'20") e, portanto, não foi outro senão no *lagamar* de Porto Seguro, pelos 16<sup>o</sup> 36' de latitude, ou daí um pouco mais para o sul, e nunca para o norte.

E, como aditivo, após tantas mudanças e confusões de nomes, de lugares, de rumos, de direção, de briza, de correntezas, de calma, do dia de chegada, e até de Santa Cruz ao de Cabrália, ocorre que passou Abril a Maio e pretende-se ainda incinerar a ortografia que não pode ser outra senão — BRASIL.

— Em 1900, apareceu impressa uma conferência do Almirante Inácio da Fonseca, sob o título *Demonstração da entrada de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro*, dedicada ao "Venerando Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" e nesse mesmo Instituto levada a efeito.

Desenvolvendo o assunto, pareceu ao autor, enfim, ter suficientemente provado que o ponto de chegada de Cabral regulou pelos 16<sup>o</sup> 52' 30" de lat. sul; o segundo ponto, pelos 16<sup>o</sup> 54'; o terceiro, pelos 16<sup>o</sup> 28' e o quarto pelos 16<sup>o</sup> 27' 30". Pareceu-lhe também provado que a correnteza tendia a puxar para o sul e não para oeste, desde que a frota cortou o paralelo de S. Roque, e na razão de pouco mais ou menos de milha por hora. Subsistirá, portanto, que a frota de Cabral demandou a entrada de Porto Seguro pelo norte, "mais larga entrada", demorou-se nela e dela velejou "para os reinos lá da Aurora, em prosseguimento das recebidas instruções, fielmente guardadas".

— Inácio da Fonseca, em 1901, publicou o livro sob o título *Synopse de neologismos admissíveis no XX Século*, numa profunda homenagem ao Brasil. Esse trabalho é de evidente utilidade e através dele verificamos uma vez mais os conhecimentos e o labor constante de tão distinto brasileiro.

No fim da obra, ele declara que, 1622 páginas do magno dicionário de C. Alexandre, Paris, edição de 1895, foram colhidos os 3.128 neologismos, "patrioticamente ofertados ao Brasil". Acrescenta, quanto a dicionários: "Admitindo-se que o de Oxford possua 250.000 palavras, o alemão 80.000, o italiano 45.000, o francês 30.000, o espanhol 20.000, fácil é de presumir que o nosso possa conter para mais de 200.000 palavras".

Não devemos deixar de lado, ao fazermos o elogio do Almirante Inácio Joaquim da Fonseca, alguns dos membros da sua família.

Era seu irmão Domingos Joaquim da Fonseca, nascido também no Rio de Janeiro, também oficial de Marinha, até o posto de Primeiro Tenente, promovido em 1855. Fez parte da oficialidade da Esquadra que foi ao Paraguai, sob o comando do Chefe da Esquadra Pedro Ferreira de Oliveira, efetuar os tratados de limites com essa República. Fez o levantamento do farol dos Abrolhos em 1858 e dirigiu os trabalhos de melhoramentos do porto do Rio Grande do Sul em 1861.

Em 1854, escreveu *Apontamentos sobre um roteiro da costa do Brasil*, publicado na *Revista Marítima Brasileira* daquele ano. A crítica, então, entre outros conceitos, acentuou:

*"Em favor dos seus talentos e conhecimentos adquiridos enquanto serviu na Baía, dignamente fala a sua descrição hidrográfica de grande parte daquela província, publicada este ano.*

*"O Sr. Fonseca é muito jovem ainda; bastante inteligente e dotado de caráter perseverante, há de ser levado a ações recomendáveis, de glória para si e de proveito para o país.*

*"O governo reconheceu o seu valioso préstimo, dando-lhe um comando, onde estréia, em mais alta jerarquia, a carreira militar".*

Em 1863, porém, Domingos Joaquim da Fonseca deixou o serviço da Armada, ingressou no Ministério da Fazenda, sendo nomeado Inspetor da Alfândega do Rio Grande do Norte. Foi depois no-

meado conferente da Alfândega da Baía. Serviu mais tarde em Pernambuco, aposentando-se aí, a pedido.

Era Cavaleiro da Ordem da Rosa e sócio do Conservatório Dramático da Baía, onde escreveu os dramas *Remorsos* (1868), levado à cena em 1875; *Ambição* (1870), *Matilde* (1875), naquela província. Em Pernambuco, o drama histórico, em verso e em seis atos, *Manuel Beckmann*. Esse drama foi representado na Baía vinte anos antes de ser impresso.

Sacramento Blake informa que talvez ainda outras peças teatrais tivesse o autor impressas e acrescenta que, inéditas, sabe que tinha algumas.

Domingos Joaquim da Fonseca escreveu também um romance, na Baía, em 1876 — *Amor e Morte*.

O Almirante Inácio Joaquim da Fonseca contraiu matrimônio na freguezia de S. Pedro Velho da Baía, a 20 de Abril de 1853, com D. Adélia Josefina de Castro Fonseca, natural do lugar, filha de Justiniano de Castro Rebelo. Primorosamente educada, poetisa de grande inspiração, deixou versos dignos de perpetuidade, como estes, ao esposo ausente:

“Porque está tão apressado,  
Coração, a palpitar?  
Queres, deixando meu peito,  
Por esses ares voar?  
Queres de meu pensamento  
A carreira acompanhar?

Queres, misero insensato,  
Este desejo cumprir?  
Intentas da fantasia  
Os amplos vôos seguir?  
Buscas, vencendo a distância,  
Tua saudade extinguir?...

"Esta saudade tão funda,  
Tão viva, tão pertinaz,  
Que te faz tão desgraçado,  
Que tão ditoso te faz?  
Que tanto te amarga às vezes,  
Que às vezes tanto te apraz?

.....  
.....  
.....

"Deixa ir só meu pensamento  
De seus vôos na amplidão.  
Quem sabe, si ao lado doutra  
O acharás, coração?...  
Morre embora de saudade;  
Porem de ciume... não!"

Na coletânea — Século XVII — XX — de Laudelino Freire, **SONETOS BRASILEIROS**, encontra-se este da ilustre poetisa baiana, esposa de Inácio Joaquim da Fonseca:

"Ainda um ano, filha, hoje se escôa  
Do tempo na ampulheta, que não cansa  
E nem siquer mitiga uma esperança  
A dor de te perder, que me magoa.

O alígero tempo, quando voa,  
Os males nos apaga da lembrança;  
Mas o martírio meu não há mudança,  
Nos agudos espinhos da coroa.

Antes, para agravar-me a desventura,  
Da vida apenas na ridente aurora,  
Rouba-me a morte inexoravel, dura,

Teu filhinho adorado, a quem outrora  
 Beije mil vezes, louca de ternura,  
 E que, louca de dor, pranteio agora !”

Nascida a 13 de Julho de 1860, na mesma freguezia em que casaram Inácio Joaquim da Fonseca e D. Adélia Josefina de Castro, a sua filha Maria José veio ser a esposa do eminente historiador e polígrafo brasileiro João Capistrano de Abreu. Honorina, Adriano e Matilde são os filhos ainda vivos deste casal. Adriano, prestante cidadão, intelectual e escritor ainda, Diretor de Secção aposentado do Ministério da Viação e Membro do Conselho Fiscal do IPASE, reside nesta capital. Matilde é casada com o Dr. Aprígio Nogueira, clínico em Machado, sul de Minas Gerais. Honorina, hoje madre priora do Convento das Carmelitas de Santa Teresa, foi uma senhora de grande beleza física, de aprimorada instrução, de altas virtudes morais e religiosas.

Que nos releve a grande e nobre religiosa, do recesso do seu Convento, assentado na marchetada colina de Santa Teresa, recordarmos aqui as harmonias da sua lira, tangida por suas mãos purificadas ao serviço de Deus.

Nessas harmonias estão resumidas as virtudes espirituais e a inteligência da prole de Inácio Joaquim e D. Adélia da Fonseca, neste soneto escrito para Capistrano de Abreu, no seu 70.º aniversário natalício, quando a sua querida e virtuosa filha, já no convento, onde hoje é priora e sente tão de perto toda a felicidade e todo o esplendor celeste, aos pés da cruz do Redentor:

“Foste tu, caro Pai, que do seio do Eterno  
 Me arrancaste e trouxeste a este mundo, a esta vida . . .  
 Quando eu desabrochei — qual flor recém-nascida  
 O sol que me aqueceu foi teu amor tão terno.

Teu sangue é o sangue meu . . . Teu trabalho paterno  
 Ganhou-me o pão com que eu cresci e fui nutrida.  
 Ah ! quanto te custei ! . . . quanta dor, quanta lida,  
 Desde teu quente estio até teu frio inverno !

E agora, dá-me a mão... É noite. Vem comigo!  
Vem que eu te levarei a Jesus, teu Amigo,  
Que te espera saudoso... Oh! dize-me que sim!

Foste meu pai, e eu tua mãe serei agora...  
Dar-te-ei a Eterna Luz de que me deste a aurora,  
Dar-te-ei — por esta vida — a vida que é sem fim”.

Devemos uma cópia desse soneto, tão harmonioso e tão significativo, ao festejado beletista Gastão Penalva, espírito que tem rebuscado e conserva ao redor de si inumeráveis e irradiantes preciosidades.

A leitura do excelente livro *Portas de Outro Sexo* (Rio de Janeiro, 1930), escrito por Afonso Costa, autor eminente, membro do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, além de figura conspícua da Federação das Academias de Letras do Brasil, adquirimos hoje noção perfeita do que foi na vida e do que efetivamente é nas letras nacionais Adélia Josefina de Castro Fonseca.

Do capítulo *Os Cem anos duma poetisa*, cuidadosamente lavrado em toda a sua iluminada extensão, colhemos que a esposa de Inácio Joaquim da Fonseca viveu a existência cantando. Mereceu e merece as homenagens do feminismo ou da inteligência nacional. Talvez a brasileira que primeiro tirara a lume livro de versos no Brasil (1865), fora poetisa de suave inspiração, acariciada dos eflúvios do romantismo dominante. Os seus versos ganharam a posteridade. O seu nome é frequentemente recordado.

Ouro da Baía, que sempre o espalhou em abundância para a fortuna maior da literatura nacional, oriunda da terra de catedrais famosas da inteligência, desse “berço de águas e de cantores, com a sua natureza esplêndida e as suas festas ruidosas”, Adélia era de uma estirpe de poetisas, do ramo genealógico dos Castro Rebelo.

Prendada ao extremo, invulgarmente culta, estava entre as primeiras das mulheres baianas que mais se distinguiram pelo espírito. De ótima linhagem, estudara línguas, música e pintura.

Admirou-a Gonçalves Dias. Em versos cantantes, chamou-a de *Safo cristã, virgem formosa*. Plínio de Lima achou que ela “se levanta ao pino da maior culminância da poesia feminina no Brasil,

tamanhos os seus dotes de inspiração e de encantamento na arte do verso”.

Como jamais a outra acontecera na Baía, “o nome da poetisa vivia num halo de apreciações magníficas, de toda parte, por todos os locais e ao fluir de todos os cálamos... Nunca emudeceram as líras para saudar, para louvar, para encomiar a artista da *Aurora brasileira*”.

Há um poema dramático *Duclerc*, “magnífica produção em torno de um feito brilhante da história brasileira”, cujo bicentenário se comemorou em 1911. É seu autor o poeta Castro Fonseca (Joaquim de Castro Fonseca, engenheiro civil, há pouco falecido). A mãe estremecida dedica o cantor o seu poema.

Falecendo aos 93 anos de idade, Adélia da Fonseca cantou a vida inteira com inspiração e sentimento. Ainda se leem os seus versos “com o mesmo sabor estético e divino como se servem em taças de Anacreonte as emanações do vinho capitoso da felicidade”.

Ao tempo de Lopez, desferiu o seu eloquente *Canto patriótico*. Incitou as atitudes do esposo, então na guerra, e lamentou que o filho não tivesse ainda idade para os serviços militares:

“Oh ! se meu filho estivesse  
numa idade em que pudesse  
combater o vil caudilho,  
Pátria ! por Deus eu te juro,  
com o mesmo amor firme e puro  
eu vira partir meu filho !”

Sobre esse canto remoto, que ainda se ouve tão bem e que pode repetir-se constantemente, tomemos este trecho de Afonso Costa:

“*CANTO PATRIÓTICO* é um clangorar estrepitoso de cornetas, em comando, por través de cujos toques se estão ouvindo os ruidos surdos dos voluntários e dos recrutados em marcha, as vozes dos capitães na ordenação das manobras e dos ataques e, ora bem longe, entre charnecas donde rebentam moitas e capões, e ora bem perto, às sanefas dos bivaques nos chãos distendidos,

*o troar da fuzilaria constante, no preparo e execução da matança de combatentes.*

*Fechado o livro com essa ode, quis a poetisa, despercebidamente, acentuar o seu objetivo pelo bem social e pela grandeza humana, porque empenhar-se alguém no sentido de vitoriosa a causa com que pensamos a razão esteja, não é mais que ansiar pelos triunfos da liberdade e felicidade entre os homens.*

*Noutros passos ainda há confirmação desse motivo social sob a influência da formosa espiritualidade de ADELIA FONSECA, e maior não se contará que o da sua atitude extrema na porfia mavórtica, segundo as crônicas de então. É quando ela, açulada de patriotismo, cheia do fervor e entusiasmo com que se acompanham e se aplaudem os conscritos da guerra, no instante do último desfile, ordena que os batalhões façam ALTO! e à frente deles declama os seus cantos de fogo, acende na alma dos soldados as labaredas da causa nacional que se busca salvar e sob as chuvas dos aplausos populares atralhes as flores de que açafatas custosas são portadoras”.*

Assim foi a grande artista, aquela mulher, com a alma a vibrar pela Pátria, ralando-se-lhe o coração de saudade do esposo na guerra, em que lutara, durante quase toda.

\* \* \*

Dissemos que Inácio Joaquim da Fonseca pertencera a uma das gerações afortunadas e triunfantes de construtores nacionais. Os aspectos da construção a que aludimos foram principalmente os das atividades militares, isto é, da guerra.

Apreciando a nossa evolução histórica, claramente se vê que ela não podia prescindir da ação militar como não o poderá nunca. A ação bélica, no lapso que nos interessa, resultou numa grande e sólida construção, num monumento real, levantado pela inteligência e pelas virtudes de abnegados brasileiros que pairam na eternidade.

Nesse monumento, está a quintessência dos nossos gloriosos as-

cedentes. Em todo ele estão os traços emocionantes de sangue derramado, unguídos da luz enorme, cada vez maior, que irradia da alma nacional a vibrar. Estão os lances que recordamos dia a dia. Está a honra defendida. Está o sofrimento e também está a glória. Estão os alicerces do Brasil, sólidos e profundos.

Enquanto as atividades de um déspota sulamericano preparavam o surto do grave acontecimento que decorreu ao revés dos seus projetos, os brasileiros exploravam, esquadrihavam, devassavam a vastidão do território que lhes coube para a glória e a grandeza desta nação americana.

Entre esses brasileiros também esteve Inácio Joaquim da Fonseca. Não será sem propósito lembrar, dentre os nossos compatriotas da Armada, num determinado período, anterior à prolongada guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, alguns obreiros antigos e beneméritos, trabalhando enquanto a guerra não vinha e talvez nem mesmo fosse esperada.

Já então, planos hidrográficos, descrições de rios, portos e costas, muitas memórias importantes, etc., estavam nos arquivos da Secretaria de Marinha. Desde a independência, ativavam-se esses trabalhos, com o Capitão-Tenente Rafael Lopes Anjo, na barra de Sergipe, nos limites com a Guiana Francesa, na barra do Espírito Santo e nas margens do rio Doce.

As explorações e os estudos se sucedem com o então Capitão de Mar e Guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, Comandante da corveta a vapor *Beberibe* (explorações científicas no oceano Atlântico); com o Capitão de Mar e Guerra Lourenço da Silva e Araujo Amazonas, autor de uma bela obra, quando Capitão-Tenente, sobre a Comarca do Alto Amazonas, citado com frequência por Moreira Pinto, no Dicionário Geográfico Brasileiro; com Augusto Leverger, barão de Melgaço, notabilizado pelos seus trabalhos em Mato Grosso e no Paraguai; Felipe José Ferreira, Noronha Torrezão, Almeida Barbosa, Pedro Garcia, Delamare, Domingos José Marques, e ainda outros.

Outro grupo foi constituído por Joaquim José Inácio (Visconde de Inhaúma), Luiz Antonio da Silva Beltrão, José da Costa Azevedo (Barão do Ladário), João J. da Silva Guimarães e Barbosa de Almeida.

No estudo de portos e navegação, Giacomo Raja Gabáglia. Em trabalhos diversos, Sabino Elói Pessoa, Lima Campos, Domingos Joaquim da Fonseca e Mariano de Azevedo.

Antonio Vital de Oliveira desenvolvia os seus memóráveis trabalhos, ao tempo de Mouchez e de Inácio da Fonseca, interrompendo-os para ir ao encontro do inimigo, na guerra do Paraguai, onde morreu como um bravo, no posto de Capitão de Fragata, a bordo do couraçado *Silvado*, que ele mesmo trouxera da França, com o nome de *Nemesis*, afrontando temporais, pelo que recebeu este cumprimento de um Almirante norteamericano: "É um triunfo para a navegação o ter atravessado o Atlântico em navio de construção do *Nemesis*".

Outro herói e explorador, tombado na guerra, foi o Capitão-Tenente Augusto Neto de Mendonça, mais tarde comandante do couraçado *Mariz e Barros*. Tombou no reconhecimento que fez às baterias superiores de Angustura que tentou forçar (1868). A expedição que ele chefiou, em 1863, partindo de Itapura, com marinheiros nacionais, para explorar os rios Iguatemi, Escopil e Ivinheima, é uma sucessão de episódios interessantes.

A expedição segue e reparte roupas e alimentos com os selvícolas. Cumprido o dever, a expedição volta. Chove continuamente. As dificuldades da navegação fazem Neto de Mendonça recear pela sorte dos expedicionários, se não alcançar, em poucos dias, o porto do Barbosa, no Vacaria, único lugar de recursos. Neto de Mendonça verifica que "só a disciplina militar é capaz de conter homens nas circunstâncias desesperadas em que nos achamos então".

São obrigados a esforços sobrenaturais. Teem apenas para alimento uma pequena porção de feijão gelado. Estão literalmente nus. Apodrecera-lhes a pouca roupa que lhes restara. Com os corpos lacerados pelos borrachudos e motucas, as feridas agravadas pela varreja, não podem os expedicionários contar nem com a caça, que a chuva e a enchente haviam afugentado das margens do rio. Nessa extremidade, a guarnição, quase exausta de forças, mas sempre resignada e obediente, socorre-se de jacarés, apesar do repugnante almiscarado da carne. Enfim, chegam à fazenda hospitaleira de Manuel Gonçalves Barbosa, onde descansam dos penosos trabalhos e curam as feridas.

A necessidade de estabelecer comunicações diretas com a Província de Mato Grosso, pelo interior do país, levou o Governo, em 1857, a mandar estudar os diversos caminhos para aquele fim. O então Primeiro Tenente Antonio Mariano de Azevedo foi encarregado de explorar o rio Tieté, por onde se fazia outrora comunicação com aquela Província. Feita a exploração, pronunciou-se Mariano de Azevedo pela criação de um estabelecimento naval no Itapura, ponto mais próprio ao desenvolvimento da idéia do Governo, a de criar recursos capazes de facilitar pelo interior o transporte do pessoal e material necessário à defesa de Mato Grosso.

Já o ilustre General Liberato Bittencourt traçou magistralmente o perfil de Antonio Mariano de Azevedo, coetâneo de Inácio da Fonseca e de outros dedicados servidores da pátria, num belo livro recente e em outras publicações anteriores.

No ano de 1866, a 10 de Outubro, seguia pelo Javari acima o Capitão Tenente João Soares Pinto, comandando a expedição encarregada de levantar os marcos divisórios das fronteiras do Império do Brasil com a República do Perú. Com parte da expedição — consta da sua fé de officio — foi assaltado por uma tribu de indígenas bravios, recebendo no assalto, “tais flechadas que veio a morrer delas, três horas depois do combate, no mesmo dia 10 de Outubro de 1866, e foi sepultado na manhã seguinte, à margem direita do rio Jaquirana, continuação do Javari”.

O escritor Castilhos Goycochêa, com a arte do seu estilo, ainda há pouco, lembrou essa página rubra dos anais da Marinha Nacional.

Antes, muito antes, durante e ininterruptamente depois de sanguinolenta guerra do Paraguai, numerosos brasileiros da Armada, em comissões notáveis, exploraram o território e as águas do Brasil, assim como lhes fixaram os limites. O mesmo aconteceu com inúmeros brasileiros do Exército, cada qual mais digno de memória, e com muitos civis, especialmente Engenheiros, cada qual maior credor da gratidão nacional. Contemporaneamente, esse aspecto das nossas atividades continua e não são poucos os compatriotas vivos metidos nas selvas, ao serviço da ciência, da segurança, da paz, das culturas e da prosperidade do país.

Bem se vê que aos antigos construtores do Brasil nas campanhas da guerra e da ciência, entre os quais esteve Inácio da Fonseca, sucederam muitas e ilustres figuras da nossa grande família militar e se vão sucedendo com honra e glória.

\* \* \*

Mediante pesquisas, mais ou menos demoradas, entre pessoas idôneas, podemos afirmar que o carater de Inácio da Fonseca era da melhor têmpera.

Soube ser herói, soube honrar as tradições da família militar a que pertenceu, elevando-se no esforço para lhe decantar os feitos com rigor histórico e a traços minudentes, cheios de entusiasmo. Não cansou da sua estirada e lenta marcha pelos caminhos, sucessivamente sombrios e insalubres, ora tomados pelo fumo da pólvora, ora agitados pelas pugnas ruidosas. Trabalhou sempre.

Quando o colheu a reforma compulsória, deixou a Marinha ao largo e se deteve, contemplando-a sempre. Não consumiu os seus últimos doze anos de vida na mole e confusa ociosidade tão comum, aquela que procura retardar o fim da caminhada neste mundo dolorido, aquela que, com passo vagaroso, entre infinitas cautelas, se esforça em diferir a hora soleníssima do encontro da cova aberta no chão sagrado e misterioso do Campo Santo. Aquela cautela e aquele apêgo, tão diversos da expressão de desprendimento que se encontra nestes alexandrinos de Adriano de Abreu, também romancista e poeta, filho de Capistrano e de D. Maria José de Abreu e neto de Inácio Joaquim e D. Adélia da Fonseca:

#### A MORTE

"Gozam do último sono a calma e o refrigério,  
Sem te haver compreendido, os que o tentaram, Morte!  
Dir-se-ia que os fulmina o teu lutuoso porte,  
Si eu não lograsse enfim penetrar-te o mistério.

Um simples malho basta a teu mister funéreo:  
Cai, recai, cai, recai, cai, recai: desta sorte:  
passa o justo com o mau, o imbele passa e o forte,  
Larga o ceptro o monarca exilado do império.

Ó ferreiro fatal, incansavel ferreiro !  
Teu gesto compassivo abraça o mundo inteiro,  
Cancela a dor, confere, aos que lutam, guarida.

Mas temo que labor assim porfiado e ingente  
Te quebrante; e que, então, me esqueças nesta vida,  
Eternamente... eternamente... eternamente..."

Sabemos, pois, que o carater de Inácio da Fonseca era de boa tèmpera. Arréδιο, reservado para com os estranhos, entretanto afaivel. Tinha aquele tom respeitavel à moda de outrora. Olhava da mesma forma para baixo e para cima, isto é, a sua compostura era a mesma em face dos superiores quanto dos subordinados. Se lhe ocorresse ceder, tolerar, admitir ou amparar, não se tratando de matéria que dependesse da lei, mas dele somente, fazia-o quanto aos do lado de baixo. Para os do lado de cima, a sua attitude sempre foi desempenhada, dando lugar a que, às vezes, as autoridades superiores o recebessem de barlavento.

Homem robusto, alinhado, de bela e enérgica fisionomia masculina, ornada de barba cerrada e cabelos castanhos claros que chegaram a embranquecer, fardava-se corretamente, num apuro natural, nada exagerado.

Tinha personalidade, comprovadamente. Como se pode ver pela defesa que ele mesmo produziu perante o Conselho de Guerra, ganhou desafetos ou talvez inimigos transitórios. Devia ser então como a árvore que dá frutos, vítima fatal de pedradas.

Temos notícia de que ele era um enxadrista. Debruçado sobre o mágico e nobre taboleiro, encantou muitas horas da sua vida. Ele só, por suas mãos, nos dias de repouso — e não admitia que ninguém o ajudasse — transformava o terreno ao redor da sua casa em jardim, e ia gozando os aspectos sucessivos do que punha na terra, das sementes aos ramos, às folhas, às flores e ao ambiente balsâmico por fim.

Aprazia-lhe o trabalho de marceneiro e outros manuais. Trabalhava debates e polémicas, não sendo poucos, segundo temos ouvido dizer, os que teve com o illustre e encapelado Almirante Barão de Ja-

ceguai e com o fidalgo, igualmente bravo e ilustre, Almirante D. Carlos Baltazar da Silveira.

Assim foi o Almirante Inácio Joaquim da Fonseca, como tenho descrito a este egrégio auditorio — compatriota eminente, combatente audaz, espírito culto, alma que soube praticar o heroísmo e celebrar os heróis, honrar a família e venerar a Pátria !

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1940.

---